

## **Os indígenas Kaimbé e o uso protetivo das redes sociais durante a pandemia de Covid-19<sup>1</sup>**

Alfons Heinrich ALTMICKS<sup>2</sup>

Marcello Raimundo Chamusca PIMENTEL<sup>3</sup>

Márcia Maria Carvalhal Britto PIMENTEL<sup>4</sup>

Universidade Católica do Salvador, Salvador, BA

### **RESUMO**

Originário do Território Indígena do Massacará, sito ao município de Euclides da Cunha, Bahia<sup>5</sup>, o povo Kaimbé acompanhou, com apreensão, a vertiginosa expansão da pandemia provocada pelo novo coronavírus, no país e no estado (PEREIRA, 2019). Tradicionalmente desamparados pelo Poder Público e acostumados a não contar com a ajuda da sociedade de entorno, os Kaimbé entenderam que deveriam se proteger do risco biológico, avocando, imediatamente, estratégias de fechamento das suas fronteiras e desenvolvendo um eficaz plano informacional, através das redes sociais, com vistas a resguardar a sua comunidade da contaminação pela Covid-19. Por outro lado, desde a imposição do isolamento físico, por parte do Governo Municipal, os Kaimbé intensificaram o uso das redes sociais, promovendo-as a veículos de trocas simbólicas e afetivas (PEREIRA, 2019). Historicamente, é sabido que as populações indígenas apresentam imensa vulnerabilidade, diante das doenças infectocontagiosas, provindas da sociedade de entorno. Por esse motivo, não é incomum o fato de que as etnias indígenas contemporâneas façam uso das tecnologias de maneira protetiva. Esse estudo teve, como objetivo geral, analisar as estratégias protetivas, engendradas pelos indígenas Kaimbé, no sentido de resguardar a sua comunidade da pandemia provocada pelo novo coronavírus. Como objetivos específicos, pretendeu-se: 1. compreender como os Kaimbé integraram a sua comunidade, a partir da adoção da comunicação digital, em momentos de

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na DT 8 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação, do XXII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 18 a 20 de maio de 2022.

<sup>2</sup> Autor. Mestre em Educação (UFSCar), mestre em Planejamento Territorial e Desenvolvimento Social (UCSAL), doutorando em Educação e Contemporaneidade (UNEB). E-mail: alfons.altmicks@pro.ucsal.br

<sup>3</sup> Co-autor. Doutor e Mestre em Planejamento Territorial e Desenvolvimento Social (UCSAL), Coordenador dos Cursos de Comunicação da Universidade Católica do Salvador. E-mail: marcello.pimentel@ucsal.br

<sup>4</sup> Co-Autora. Doutora e Mestra em Planejamento Territorial e Desenvolvimento Social (UCSAL), Coordenadora dos Cursos de Especialização em Comunicação e Marketing da Universidade Católica do Salvador. E-mail: marcia.pimentel@pro.ucsal.br.

<sup>5</sup> Localizado na mesorregião geográfica do Nordeste Baiano, território de identidade do Semiárido II.

isolamento físico, conforme aquele, imposto pela quarentena; e 2. identificar que canais estratégicos de comunicação foram utilizadas, no enfrentamento à pandemia. O problema de pesquisa adotado para a investigação é circunscrito à questão: como os Kaimbé utilizaram as redes sociais para se comunicar e se proteger, durante a pandemia? À guisa de metodologia, este estudo apresenta viés etnográfico, cujo escopo é de compreender o fenômeno, dentro da perspectiva simbólica, que compõe a cultura em que se manifesta (MATTOS; CASTRO, 2011). Como metodologia de procedimento, foram adotados a aplicação de entrevistas semiestruturadas, junto a lideranças Kaimbé; e o desenvolvimento de uma análise de conteúdo da comunicação Kaimbé, nas redes sociais. As medidas protetivas, desenvolvidas pelas lideranças Kaimbé<sup>6</sup>, para resguardar o Território Indígena da pandemia, foram iniciadas, no dia 8 de abril de 2020, após a prefeitura de Euclides da Cunha confirmar o primeiro caso da doença no município (PEREIRA, 2019). Na mesma data, a comunidade Kaimbé bloqueou os dois principais acessos ao Território Indígena do Massacará – as demais vias de acesso seriam interrompidas no dia seguinte. De imediato, o grupo de *Whatsapp* da Juventude Kaimbé, usado para fins culturais, foi mobilizado para articular a consecução das medidas de proteção à comunidade, sob a orientação das lideranças e do Conselho Indígena Kaimbé. Nesse sentido, o grupo “Juventude Kaimbé” foi modificado para “Grupo do Povo Kaimbé”, ao qual foram acrescentados todos os contatos possíveis de habitantes do Massacará. A comunidade foi instada a se mobilizar e a fiscalizar a implantação das medidas de segurança, além de divulgar informações sobre as determinações tomadas pelo Município e por municípios vizinhos, no combate à pandemia. Outrossim, nesse mesmo grupo de *WhatsApp*, também passaram a ser difundidas as orientações sanitárias, providas do Ministério da Saúde e da Organização Mundial da Saúde (PEREIRA, 2019). As redes sociais *Facebook* e *Instagram*, geridas pela comunidade Kaimbé, passaram a ser utilizadas para difundir informes aos não-indígenas, especialmente, em relação ao fechamento do Território do Massacará, decidido pelos próprios Kaimbé, mas, também, para alertar sobre a carência de bens essenciais, experimentada pela população Kaimbé, ao longo da pandemia. Obviamente, a utilização sistemática das redes sociais, por parte dos Kaimbé, ainda que objetivando a proteção da sua comunidade, foi questionada pelos

---

<sup>6</sup> No Território Indígena do Massacará, o cacicado é triplo, composto pelo Cacique Juvenal Fernandes Pereira, pelo cacique Flávio de Jesus Dias e pelo cacique Edicarlos de Jesus Dias

não-indígenas, habitantes do entorno do Massacará. Há que se entender que o processo de emergência étnica Kaimbé<sup>7</sup> foi conflituoso e gerou violências das mais variadas naturezas, inclusive biológicas, uma vez que a população indígena do Massacará já tenha enfrentado diversos surtos de doenças, alguns inoculados, deliberadamente, pelos colonizadores (CANTON, 2018). Outra forma de violência, praticada contra a etnia, foram os questionamentos sobre a legitimidade da sua indianidade. Acusados de não serem indígenas, por causa da pele negra, da ausência da Língua<sup>8</sup> e pelo uso de itens da sociedade de entorno, os Kaimbé se acostumaram a ter que reafirmar, incessantemente, a sua indianidade. É preciso entender que os Kaimbé não viveram - e não vivem – isolados da sociedade de entorno. Por esse motivo, desenvolvem estratégias de convívio e de proteção, que passam pela incorporação de tecnologias e processos não-indígenas, embora com escopos ancorados na sua cultura e nos seus hábitos (QUEIROZ, 2012; ABREU, 2015; REESINK, MCCALLUM; RESTREPO, 2017). Moquay (1998) sustenta a ideia de que, para as comunidades rurais tradicionais contemporâneas, vige o conceito “urbanidade rural”. Não se trata da incorporação do espaço rural pela cidade, ou da sobreposição da vida urbana ao ambiente rural; ao contrário, a urbanidade rural representa a apropriação e a ressignificação do *know-how* próprio da cidade pelo ambiente rural, de maneira a preservar-lhe a autonomia e a tradição. Na Serra do Massacará, características urbanas, como a onipresença de aparelhos celulares, das motocicletas, das antenas parabólicas, foram assimiladas e ressignificadas para atender às necessidades e aos costumes Kaimbé, cuja cosmovisão é legitimada pelos conhecimentos tradicionais, que permanecem pertinentes e incontestes (ABREU, 2013). Essa cosmovisão mantém a identidade étnica, mesmo diante dos incrementos do mundo urbano. Assim, não é de se estranhar que as redes sociais tenham sido acionadas, diante de um agudo problema sanitário, a ameaçar pessoas que se sabem sós, desamparadas pelo Estado e pela sociedade, nos momentos de catástrofe. O vice cacique Ivanilton Narcizo Pereira (PEREIRA, 2019) acredita que, aproximadamente, 75% das ações de combate ao novo coronavírus tenham sido engendradas, articuladas e aplicadas, a partir das redes sociais. Além disso, as redes sociais constituíram, também, um aporte de contato afetivo,

---

<sup>7</sup> A expressão “emergência étnica” é utilizada para definir o processo de reconstrução cultural de povos considerados extintos ou em extinção.

<sup>8</sup> Perdida durante o processo de colonização. Provavelmente, pertencente ao tronco Macro-Gê, atualmente, os Kaimbé tentam recompor a sua Língua materna, a partir de outras Línguas desse tronco.

fundamental para manutenção da saúde psicológica dos Kaimbé, sobretudo, diante do isolamento físico imposto. Nesse escopo, as redes sociais, ao tempo em que conectaram as famílias indígenas, favoreceram, concomitantemente, a expressão da cultura Kaimbé, constituindo um meio de legitimação e de potencialização da sua identidade étnica. As informações apresentadas ao longo deste estudo ratificam a sua assertiva fundamental, qual seja, a de que o uso das redes sociais, pela população Kaimbé, além de primaz estratégia, no momento de pandemia provocada pela Covid-19, visando a proteção sanitária da população que vive no Território Indígena do Massacará, ainda foi capaz de legitimar e de divulgar a cultura Kaimbé, levando, ao éter virtual, a experiência de um projeto vivencial para os seus produtos culturais, nos quais, os espaços de subjetividade e de delicadeza estética não possuem fronteiras.

**PALAVRAS-CHAVE:** Kaimbé; Covid-19; estratégias protetivas; redes digitais; comunicação.

## REFERÊNCIAS

- ABREU, S. **O legado dos índios Kaimbé de Massacará na história e na cultura da atual Euclides da Cunha**. Euclides da Cunha, 2013, 26 f. Monografia de Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História). Departamento de Ciências Humanas e Tecnológicas, UNEB, Campus XXII, Euclides da Cunha.
- CANTON, A. A. A escola como espaço de afirmação da identidade Kaimbé: o recorte feminino. **Revista Olhares Docentes**. Euclides da Cunha, 2, n. 2, p. 124-145, jun./dez., 2018.
- MATTOS, C. L. G. de; CASTRO, P. A. (Org.). **Etnografia e educação: Conceitos e usos**. Campina Grande: EDUEPB, 2011.
- MOQUAY, P. *Les territoires de chartes: autour de l'ouvrage Essai sur l'urbanité rurale. Actes de la journée d'étude, développement territorial recherches et débats*. Paris, n° 0, 49-57 p., mai 1998.
- PEREIRA, I. N.. **Entrevista** concedida a Alfons Heinrich Altmicks. Euclides da Cunha. 2019. Duração: 2:00h.
- QUEIROZ, C. M. de. **Brincadeiras no território indígena Kaimbé** (Dissertação (mestrado). Universidade Federal da Bahia. Instituto de Psicologia, 2012.) Salvador, 2012. Disponível em: [https://pospsi.ufba.br/sites/pospsi.ufba.br/files/carine\\_monteiro.pdf](https://pospsi.ufba.br/sites/pospsi.ufba.br/files/carine_monteiro.pdf) Acesso em 17 jul. 2018.
- REESINK, E. B.; MCCALLUM, C.; RESTREPO, E.. Apresentação do Dossiê Racismo no Plural nas Américas: povos indígenas e afro-indígenas. **Revista Antropológicas**. Recife, Ano 21, 28(2), pp. 1-5, 2017.